



## **PEREGRINAÇÕES DO SELF: TURISMO E RELIGIOSIDADE COMO INSTRUMENTOS PARA A ELABORAÇÃO DE SUBJETIVIDADES**

MAIA, Renée

*Estudante de Doutorado do PPGMS/UNIRIO*

*reneemaia@gmail.com*

### **RESUMO**

Objetivando refletir sobre os processos de aceleração do tempo e de seus reflexos na elaboração de subjetividades, este trabalho dividiu-se em dois momentos de desenvolvimento. No primeiro, buscou apresentar uma breve revisão dos conceitos e proposições centrais sustentados pelo filósofo francês Henri Bergson, assumindo a noção intervalo ou centro de indeterminação como ferramenta para pensar as interfaces entre temporalidade e subjetividade no fluido cenário atual. No segundo momento, apresentou dois exemplos de práticas ou manifestações de viagens contemporâneas, as quais, centradas no indivíduo e no persegimento de um *self* perfeito, poderiam simbolizar estratégias de contra-resposta em meio a uma espécie de compressão da hesitação. Por fim, conclui-se que tais combinações entre reflexividade e mobilidade oferecem interessantes indicações acerca das possibilidades de criação, representando um objeto de alta complexidade.

**Palavras-chave:** peregrinação, intervalo, indeterminação

### **ABSTRACT**

In order to reflect on the processes of acceleration of time and its effects on the development of subjectivity, this study was divided into two stages of development. First, aimed to present a brief review of key concepts and propositions defended by the french philosopher Henri Bergson, assuming the notion of interval or center of indeterminacy as a tool for thinking about the interfaces between temporality and subjectivity in the fluid present scenario. In the second phase, presented two examples of practices or expressions of contemporary travel, which centered on the individual and on the persuing a perfect self, could symbolize counter-response strategies in the midst of a kind of compression of hesitation. Finally, it is concluded that such combinations between reflexivity and mobility offer interesting indications regarding creation in itself, representing an object of high complexity.

**Keywords:** pilgrimage, interval, indeterminacy



## INTRODUÇÃO

Inseridos em um cenário marcado pela aceleração do tempo, estaríamos vivendo em uma espécie de era do imediatismo de respostas. No consumo, na dor (física ou emocional), nas relações cotidianas e/ou afetivas, as pressões para reações cada vez mais rápidas aos estímulos variariam desde a busca por prazeres e satisfações instantâneos às demandas por rápidas soluções ou remédios (tanto literais, quanto metafóricos). Fenômenos como a compressão do tempo-espaço impeliriam, assim, velocidades temporais que estariam favorecendo ao cerceamento da hesitação. Evidenciar-se-ia outra forma de compressão: a da elaboração.

Parece que sofremos, então, de uma crescente inabilidade de espera: precisamos remediar imediatamente qualquer desconforto, ter respostas, opiniões e posicionamentos tão logo são demandados. Neste sentido, as desgastantes exigências de relações duradouras estariam sendo substituídas pela dinâmica do “ser amado sem precisar amar de volta”, encontradas no consumo e nas competências especializadas (Bauman, 2008). Assim, as relações, tornando-se gradativamente mais voláteis, passariam ao regimento de uma dupla facilidade de associação e dissociação. De dores de cabeça, a lutos ou angústias diversas, nossos incômodos estariam sendo “calados” através de um mercado da remediação que em muito transcende a indústria farmacêutica ou as práticas médicas e terapêuticas.

Observada por autores como Huyssen (2000), as obsessões pelo registro e pela memória indicariam, por sua vez, duas manifestações dessa “somatização social” que paira entre a “fuga generalizada” da elaboração e seu perseguimento. Por um lado, produzimos registros mediante o mínimo processamento dos estímulos inicialmente percebidos e retidos; registramos “experiências” sem (ou ao menos antes de) experimentá-las.

Além disso, nostalgias ligadas a memórias imaginadas (termo problemático e possivelmente duvidoso) refletiriam uma dupla instrumentalização da memória. Agarramo-nos ao passado, a fim de escapar de uma elaboração problematizante de um presente marcado por incerteza e imprevisibilidade. Apoiados em memórias idealizadas e remodeladas para tanto, nostalgias de outro tempo supostamente perfeito são alimentadas em virtude de uma atualidade supostamente deteriorada – ou mesmo da meditação acerca desta. A idealização memorial passa a fornecer, assim, “migalhas de segurança” quando as liberdades contemporâneas deixam indivíduos perdidos na liquidez de seu dinamismo e multiplicidade.



Por outro lado, como também apontado por Huysen (*ibid.*), a própria instrumentalização da memória para fins de identificação refletiria uma necessidade de frear esta aceleração extenuante que comprime gradualmente o presente entre passado e futuro.

A velocidade sempre crescente das inovações técnicas, científicas e culturais gera quantidades cada vez maiores de produtos que já nascem cada vez mais obsoletos, contraindo objetivamente a expansão cronológica do que pode ser considerado o (afiado qual gume) presente de uma dada época. (HUYSSSEN, 2000, p. 27)

Entende-se, desse modo, que movimentações como esta representariam uma espécie de tentativa de “descompressão de nossas capacidades elaborativas” e, conseqüentemente, criativas. Ao abordar a enorme quantidade de registros memoriais produzidos na atualidade – inseridos naquilo que chama de cultura de memória –, o autor ressalta a necessidade de desenvolvimento de formas produtivas de rememoração.

Assim como a modernidade (em sua fase sólida) teria paradoxalmente impulsionado a ambivalência através do seu próprio combate (Bauman, 1999) - resultando no fracasso de sua auto-ilusão de segurança, controle e ordem -, o que se aponta aqui como uma “compressão da hesitação ou da elaboração” também estaria sendo responsável pela promoção de estratégias de contra-resposta. Associado a estes supostos movimentos de compressão estaria o progressivo processo de internalização das determinações identitárias; a identidade passa de elemento externamente *dado* para uma *tarefa individual*. A pulverização dos referenciais socioculturais disponíveis ao indivíduo evidencia, assim, um crescente processo de individualização (Elias, 1994) que impele à reflexividade grande destaque (Giddens, 1991), influenciando profundamente o surgimento de estratégias em busca do auto-aprimoramento e conhecimento.

Tais esforços em busca de um *self* perfeito (D’Andrea, 2000) se fazem presentes em diversas esferas e instâncias da vida social. Considerando a hipótese de que as viagens poderiam representar instrumentos utilizados na busca pela descompressão destas possibilidades de elaboração supracitadas, elegeu-se como objeto de análise neste trabalho algumas de suas manifestações, as quais simbolizariam concomitantemente viagens ao interior e ao exterior (Todorov, 2006). Nestes casos, os deslocamentos no espaço estariam sendo motivados e norteados pela busca de conhecimento e aprimoramento do próprio eu.



Pretende-se demonstrar que o posicionamento destas motivações como centrais perpassa práticas diversificadas, borrando as fronteiras entre turismo e religiosidade ou espiritualidade. A viagem assume, assim, uma roupagem de peregrinação, onde os desconfortos e as imprevisibilidades, evitados nesta compressão das possibilidades da hesitação, parecem ser almejados como ferramentas para a geração de experiências (nos moldes benjaminianos). Tais viagens incorporariam, portanto, a coexistência de seus aspectos literais e metafóricos.

Com o objetivo de fundamentar as hipóteses aqui propostas e refletir sobre algumas das formas de viagem profundamente relacionadas ao cultivo de subjetividade e do ideal de um *self* perfeito (D'Andrea, 2000), este trabalho foi desenvolvido em dois momentos interligados. No primeiro, propôs uma revisão panorâmica acerca das proposições do filósofo francês Henri Bergson, focalizando conceitos e noções como os de duração, intuição, memória e intervalo de movimento (ou de indeterminação). Salienta-se que o objetivo desta etapa não foi o de esgotar ou debater o posicionamento deste autor diante de outras perspectivas contemporâneas a ele, mas sim, destacar sua relevância enquanto ferramenta para a compreensão destes processos de aceleração do tempo, assim como de seus impactos na produção de experiências e na elaboração de subjetividades.

No segundo momento, a partir da apropriação dos conceitos e proposições apresentados na etapa supracitada, dois exemplos de manifestações ou práticas contemporâneas de viagens são enfocadas, selecionadas a partir de suas utilizações como caminhos para a busca do auto-aprimoramento e conhecimento. Foram eleitos, então, os casos das novas peregrinações narradas por (Carneiro e Steil, 2008) e do projeto Viajo, logo existo, desenvolvido pelo casal paulistano Rachel e Leonardo Spencer. Os exemplos aqui utilizados perpassam deslocamentos de cunho religioso e/ou turístico, demonstrando como turismo e religião entrelaçam-se em um contexto profundamente marcado pela reflexividade e pela individualização.

## **BERGSON, INDETERMINAÇÃO E SUBJETIVIDADE: REVISANDO CONCEITOS**

Apresentando alto grau de complexidade em suas teorizações, o filósofo e diplomata francês Henri Bergson oferece conceitos e interpretações profícuos para a compreensão de diversos aspectos e fenômenos da contemporaneidade. Sua obra de grande atualidade tem sido



trabalhada não somente entre acadêmicos da filosofia, mas também por diversas outras disciplinas, abarcando de estudos sobre cinema e literatura até a neuropsicologia.

Buscando ultrapassar a dualidade realismo/ idealismo e vencer o abismo estabelecido na filosofia entre imagem e matéria, Bergson (1990) desenvolve uma espécie de ontologia da imagem<sup>1</sup>. Situando-se em um meio termo entre estas vertentes filosóficas, propõe que a imagem não consistiria nem um mero acidente da matéria, nem somente uma construção da consciência. Para ele, a imagem existiria em si mesma e não seria acrescida de movimento já que, imagem, matéria e movimento coincidiriam fundamentalmente.

Neste sentido, Bergson (*ibid.*) inverte a lógica da adição qualitativa idealista. A percepção torna-se, para ele, um movimento de subtração orientado por interesses práticos, do qual seria descartado da imagem aquilo que não fosse interessante para o ser vivo. Haveria, portanto, mais na imagem em si do que na percepção da imagem. A consciência seria, então, responsável pelo enquadramento da matéria e não pelo engendramento de representações.

Quanto ao todo, considera-o como dinâmico e não como dado, propondo sua compreensão como um sistema de interação universal. Neste sistema, as imagens só existiriam agindo e reagindo umas sobre as outras, em uma espécie de reação em cadeia. Assim, a mudança promovida pelo movimento seria inerente à própria matéria. Assumindo uma relação indissociável entre matéria e movimento, conclui que o todo não poderia ser compreendido como fechado ou a partir de uma perspectiva objetivista, mas sim como aberto, enquanto expressão da mudança.

Entendendo os seres vivos como matéria e, portanto, como imagens em movimento, Bergson (1990) pensa, então, sobre a diferenciação entre matéria viva e não viva. Introduce neste ponto um dos conceitos centrais para a reflexão aqui proposta: o de intervalo de movimento (ou centro de indeterminação). Para ele, a diferença consistiria na presença ou não de um hiato interacional, ou seja, de um intervalo elaborativo entre ação e reação. Assim, enquanto o não vivo estaria ligado a reações imediatas e determináveis, nos vivos as interações seriam interceptadas por um intervalo de hesitação, espera e/ou escolha.

A consciência, localizada neste intervalo, estaria imbuída de um duplo papel: o de seleção dos estímulos e também o de escolha das respostas (ou reações) possíveis. Logo,

---

<sup>1</sup> É interessante salientar que o termo imagem é aqui assumido como sinônimo de fenômeno (aquilo que aparece), podendo haver imagens óticas, acústicas, táteis.



intervalo, consciência e indeterminação estariam inter-relacionados de modo que quanto maior o intervalo, maior o nível de consciência e maior o caráter de indeterminação. A retenção dos estímulos neste intervalo corresponderia à memória, considerada pelo autor como fundamento da subjetividade. Já a escolha das respostas possíveis remeteria a um processo de espera e antecipação do futuro, com a própria antecipação configurando uma forma de espera.

Bergson (1990) ora contrapõe imagem e hábito, ora automatismo e atenção. Apresentando dois tipos de memória e de reconhecimento, relaciona-os da seguinte forma: a memória-hábito corresponderia a uma modalidade automática de memória, fundamentando, por sua vez, o reconhecimento automático (aquele que se faz através um prolongamento da imagem percebida em resposta motriz). Já a memória das imagens-lembranças, alvo maior de sua atenção, simbolizaria a memória embasadora da subjetividade<sup>2</sup>, relacionando-se com a modalidade de reconhecimento atento (aquele que é intermediado pela rememoração e, portanto, pela criação<sup>3</sup>). Em suma, insere tais dualidades em uma concepção geral de que a inadaptação consistiria em uma espécie de motor da criação (crise e criação).

Além da consciência, localiza também dois outros elementos neste intervalo entre excitação e resposta. O primeiro deles seria o afeto, responsável por associar a amplitude do intervalo com uma maior capacidade de sentir. O segundo seria a intuição, a qual estaria longe de assumir seu sentido difundido no senso comum. Para Bergson (1988) tal qualidade representaria uma capacidade de distanciamento dos interesses práticos que norteariam a inteligência – esta voltada para respostas imediatas ou reflexos mecânicos. A intuição proporcionaria ao ser vivo, portanto, a possibilidade de percepção daquilo que não é perceptível no habitual, na adaptação, simbolizando uma espécie de aprofundamento no que o autor propõe chamar de duração. Retardamento no tempo de ação (ou reação, se assumida a lógica da interação) e percepção desinteressada em relação a objetivos práticos e/ou funcionalizantes – percepção voltada para a ordem do “inútil” - seriam competências de poetas e artistas como exemplos clássicos do cultivo da criação.

---

<sup>2</sup> Para Bergson (1990) psiquismo é memória, pois todas as operações psíquicas estariam fundadas na memória.

<sup>3</sup> Bergson (1990) entende que a memória (de imagens-lembranças) seria sempre criadora, já que lembrar significa lembrar de algo que nunca foi. Não existiriam, portanto, duas rememorações idênticas; a atualização da virtualidade do passado é sempre uma atualização criativa, onde seria introjetado o afeto do ser.



Mas no que consistiria exatamente essa noção de duração? Para Bergson (1988), duração corresponderia a tempo, tanto quanto subjetividade. No entanto, não diria respeito ao tempo instantâneo e cronológico do relógio, mas simbolizaria um tempo-fluxo, uma continuidade ininterrupta do novo. Logo, enquanto o tempo descontínuo estaria atrelado à inteligência, a duração seria o tempo da intuição, da continuidade. A intuição seria, assim, um instrumento para mergulho no próprio ser, ou seja, através do qual a apropriação da duração faz-se-ria possível.

Ao pensar o todo como aberto e o tempo como fluxo, o filósofo francês entende passado e futuro como dimensões que coexistiriam virtualmente com o presente. As realidades virtuais e atuais de passado e presente, respectivamente, seriam articuladas através da rememoração, ou ainda mais especificamente, através de um processo de atualização de virtualidades. Logo, a rememoração não corresponderia nem a um resgate fidedigno do passado nem a um processo de regressão no tempo, mas envolveria em sua própria fundamentação uma forma de atualização criativa. Passado e presente relacionar-se-iam, para Bergson (1988), não sob uma ordem cronológica e sucessiva, mas a partir de uma relação de utilidade (presente) e inutilidade (passado). Já o futuro representaria um campo aberto de possibilidades, estando toda e qualquer previsão (do mesmo) fundamentada em antecipações do passado: supomos que o sol nascerá no amanhã justamente porque nos dias passados ele nasceu.

A partir de tal revisão conceitual e teórica, é possível fundamentar aqui as duas hipóteses centrais apresentadas neste trabalho. Em primeiro lugar, ao reduzir espacialidades e acelerar temporalidades, sustenta-se que o contexto contemporâneo estaria sendo responsável pela promoção de uma segunda forma de compressão: a da hesitação. Demandas por resposta imediatas estariam contribuindo para a alimentação de um progressivo desfavorecimento de possibilidades de elaboração criativa, em suma, reduzindo os níveis de indeterminação individuais através da compressão de seus intervalos de movimento.

Estaríamos, assim, imersos em um distúrbio cristalizado em uma inabilidade de espera, ou ainda mais especificamente, de apropriação da espera como desejável ou necessária. Neste sentido, a tomada desta duração e a aceitação da hesitação poderiam simbolizar etapas necessárias em uma espécie de processo de descompressão das possibilidades de criação. No entanto, o aprofundamento deste intervalo e o desenvolvimento de capacidades intuitivas



poderia estar paralelamente sendo reprimido e fomentado em forma de estratégias de contra-resposta e contenção da aceleração do tempo.

Assim como a instrumentalização de memórias para fins de identificação parecem simbolizar tentativas de frear uma temporalidade esmagadora de indivíduos e subjetividades<sup>4</sup>, outros comportamentos e práticas parecem refletir essa busca por afastamento ou ruptura com o habitual – com aquilo ao qual já se está adaptado – em direção a movimentos de maior indeterminação e, portanto, potencial criativo. Este seria o caso das *peregrinações do self*, hipótese esta que será abordada na seguinte etapa deste trabalho.

### **PEREGRINAÇÕES DO SELF: QUANDO O CAMINHO É O PRÓPRIO “EU”**

Enquanto rituais, tanto as peregrinações quanto o turismo são ‘bons para pensar e para agir’. São eventos que adquirem um *status* que os projeta para além dos limites de um campo especializado, permitindo, por meio deles, que se aprofundem questões fundamentais e contemporâneas que dizem respeito às relações sociais e à vida dos indivíduos na modernidade. (CARNEIRO, STEIL, 2008, p. 112)

Fluidez, dinamismo, fragmentação e multiplicidade. Em meio a diversas características como estas, mobilidade e reflexividade destacam-se como algumas das marcas centrais da contemporaneidade. Se a mobilidade de capital, informações ou pessoas reflete novas configurações socioeconômicas, políticas e culturais, a reflexividade é crescentemente evidenciada a partir de processos que posicionam o indivíduo no centro de decisões e elaborações que abrangem tarefas diversificadas: desde a estruturação de suas próprias identidades, ao perseguimento máximo – e constante - de auto-aprimoramento e conhecimento.

Tais esforços em busca do *self* perfeito (D’Andrea, 2000) podem ser observados em diversas esferas e instâncias da vida social. Neste trabalho em questão, considera-se a hipótese de que algumas formas de viagens – enquanto combinações de mobilidade e reflexividade - podem representar instrumentos utilizados na busca pela descompressão de possibilidades de

---

<sup>4</sup> “O enfoque sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado pela crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido.” (HUYSSSEN, 2000, p. 20).





elaboração de subjetividades, através do desenvolvimento intuitivo e do aprofundamento na duração (Bergson, 1988).

Objetivando discutir – ainda que de maneira reconhecidamente preliminar - tal caminho de interpretação e reflexão, elegeu-se como objeto de análise algumas manifestações contemporâneas, nas quais o *eu* assumiria o papel de caminho. Estas “peregrinações do *self*” simbolizariam concomitantemente viagens ao interior e ao exterior, conforme descrito por Todorov (2006), combinando em si mesmas aspectos literais e metafóricos das viagens, perpassando e entrelaçando domínios como turismo e religião.

Visando viabilizar a ainda introdutória construção desta hipótese de investigação e interpretação, apresenta-se aqui um recorte em dois exemplos representantes destas manifestações. Em primeiro lugar, estariam as “novas peregrinações” apresentadas por Carneiro e Steil (2008) ao analisarem o caso de quatro caminhos brasileiros de peregrinação constituídos à imagem do caminho de Santiago de Compostela: Caminho da Luz (Minas Gerais), do Sol (São Paulo), das Missões (Rio Grande do Sul) e Passos de Anchieta (Espírito Santo).

A partir de uma perspectiva antropológica, tais autores analisam o processo de construção social desses caminhos e formas contemporâneas de peregrinação. Buscando principalmente compreender os significados (e processos de significação) envolvidos nestas práticas, destacam que “a referência a novas práticas de peregrinação e modalidades de turismo nos leva a redimensionar o nosso olhar sobre os processos de subjetivação, reflexividade e destradicionalização que afetam a religião e seus sentidos na cultura contemporânea.” (CARNEIRO; STEIL, 2008, p. 106)

Alguns aspectos chamam atenção nos resultados encontrados no trabalho etnográfico desta pesquisa. Em primeiro lugar, como ponto central, está a desinstitucionalização das peregrinações enquanto práticas religiosas, onde a tradição do catolicismo parece ser substituída pela reflexividade, suportada, por sua vez, por novos mediadores como o mercado turístico e o Estado. Tal reflexividade far-se-ia presente neste contexto a partir da inserção de um ideário Nova Era, representando um dos principais meios através do qual modelos e valores das chamadas religiões do *self* estariam sendo disseminados no atual cenário religioso.

Ainda que não apresente fronteiras claramente delimitadas, o Movimento Nova Era (MNE) pode ser compreendido a partir da valorização da autonomia e liberdade do sujeito



como eixos centrais (D'Andrea, 2000), abarcando características como: dissociação entre espiritualidade e religião; postura mais difusa e menos institucionalizada a respeito de elaborações religiosas ou éticas; e adesão a um persegimento espiritual permanente, manifesto em um estilo de vida onde impera uma “cosmovisão holística, ética, estética e mística da realidade – enfim, totalizante – de vida.” (D'Andrea, 2000 *apud* CARNEIRO; STEIL, 2008, p. 121). Conforme observam Carneiro e Steil (2008, p. 121):

Nesse processo de busca, há o desejo de se ter uma nova consciência religiosa, uma vontade de se desenvolver a espiritualidade de forma livre e criativa, como espaço sagrado interno, onde se evidencia o cultivo da subjetividade e um ideal de um *self* perfeito.

Dessa forma, nessas novas peregrinações o percurso seria enaltecido como santuário - um *santuário de fluxo* – (ibid., p. 121), responsável pela mediação entre um contato com “externo, sobrenatural, mágico, transcendente” e o encontro consigo mesmo.

Trata-se de um modelo que enfatiza a própria caminhada, o próprio percurso em detrimento do lugar de chegada ou do objeto de devoção. Ao fazer este deslocamento, acaba-se atribuindo um sentido central à forma como o caminhante se engaja pessoal e corporalmente à experiência. Portanto, a forma pela qual o peregrino empreende a viagem (...) é o que passa muitas vezes a contar realmente para a definição da autenticidade da peregrinação. Ao lado disso, a distinção entre caminhantes religiosos e não-religiosos parece se tornar secundária em relação à importância de como é vivenciada a experiência. (CARNEIRA; STEIL, 2008, p. 119)

O sagrado é, assim, buscado no próprio caminho, estando condicionado às experiências pessoais e coletivas vivenciadas. “É no movimento, na ação e na percepção do ambiente que o peregrino encontra-se com o sagrado.” (CARNEIRO; STEIL, 2008, p. 121). Assim, desvinculadas fundamentalmente de suas tradições religiosas originárias, estas práticas contemporâneas indicariam um novo modelo de peregrinação, onde a mediação religiosa parece estar sendo substituída por uma crescente autonomia da “experiência do sagrado”.

É justamente porque a religião se tornou uma experiência mística interior que os seus mediadores já não necessitam de uma investidura sagrada institucional adquirida no âmbito de uma comunidade de crenças e valores partilhados. Cabendo apenas, aos novos mediadores, assegurar e garantir os meios e os recursos simbólicos para que cada um possa fazer o seu próprio caminho. Desta forma, esses novos eventos estão agregando à peregrinação novos



sentidos que os associam à experiência interior de um caminho a ser percorrido por cada indivíduo na direção de seu verdadeiro “eu”. (CARNEIRO; STEIL, 2008, p. 112)

Tais autores observam também que “essa nova modalidade (...) parece revitalizar o fenômeno da peregrinação não só como experiência religiosa, de um lado, mas também como expressão cultural (turística), de outro.” (CARNEIRO, STEIL, 2008, p. 108). Neste sentido, assinalam que termos como “turismo religioso” estariam sendo cunhados em virtude do reconhecimento de uma relação não-dicotômica e/ou auto-excludente entre turismo e religião.

Essas novas peregrinações, que juntam em seu horizonte de motivações interesses turísticos, místicos, culturais, históricos e ecológicos, ganham plausibilidade e são fortes atrativos na medida em que se situam num contexto mais abrangente, em que essas junções já não são vistas como estranhas, uma vez que as próprias fronteiras entre esses campos sociais se tornaram porosas. (CARNEIRO; STEIL, 2008, p. 116)

Para além dessa observação, entende-se que o embaçamento das fronteiras entre estes domínios evidencia a ambivalência destas experiências contemporâneas, a qual intensifica a complexidade da tarefa de classificação de práticas e motivações como estas. A desinstitucionalização religiosa observada no ideário da Nova Era e a instrumentalização da viagem – suportada por elementos técnicos e infra-estruturais do *trade* turístico – como caminho para o autodesenvolvimento e conhecimento, exacerbam as dificuldades de visualização, categorização ou compreensão cartesiana destas realidades. Aspirações filosóficas, éticas ou morais entrelaçam-se quase que indissociavelmente com aspirações religiosas, tanto quanto o turismo parece assumir vestes de espiritualidade.

O outro caso<sup>5</sup> trazido aqui como exemplo e representante de práticas turísticas contemporâneas também fortemente relacionadas à elaboração e ao conhecimento do próprio eu é o projeto “Viajo, logo existo”. Idealizado pelo casal paulistano Rachel e Leonardo Spencer, o projeto teve início em 04 de maio de 2013, e consiste em uma jornada de carro – ainda em progresso - por mais de sessenta países distribuídos pelos cinco continentes do mundo. Ao longo de quarenta e dois meses corridos, o automóvel assume também o papel de moradia destes viajantes no que definem como uma “grande aventura” e uma oportunidade de

---

<sup>5</sup> É importante destacar que a quantidade reduzida de material sobre este caso dá-se em virtude deste representar parte do objeto de pesquisa da tese de doutorado desta autora (ainda em desenvolvimento), a qual encontra-se em fase inicial de coleta de dados e entrada no campo.



“imersão cultural”<sup>6</sup>. O veículo fora, portanto, escolhido como um dos instrumentos mais importantes da viagem, e equipado com itens diversos – como galão de diesel extra e barraca de camping que pode ser acoplada no teto.

A ideia de “largar tudo e cair na estrada” teria surgido ainda em 2002, sendo planejada e implementada somente no ano seguinte. Ao narrar as motivações que teriam levado a tal decisão, o casal Spencer destaca sua insatisfação com percepções de incompletude ou insuficiência relacionadas à rotina, aos objetivos e desafios que vislumbravam em seu dia-a-dia pessoal e profissional em São Paulo:

O trabalho no banco nos proporcionava uma qualidade de vida altíssima, tanto no dia-a-dia como nas viagens, mas estávamos questionando aonde aquilo tudo iria nos levar. Eram sete anos de banco, tempo que gostamos muito do que fazíamos, mas entendíamos que daquele momento em diante seria somente para acumular dinheiro, não deslumbrávamos muitos desafios que não fossem ligados à carreira e principalmente ao dinheiro! Gostamos de dinheiro, mas não queremos viver em função disso. Sentimos a necessidade de começar um novo ciclo em nossas vidas, talvez com menos dinheiro e mais insegurança, porém com mais vida!

Quanto aos objetivos centrais do VLE<sup>7</sup> seus idealizadores ressaltam como aspirações: “ajudar aos outros”, “conhecer novos lugares e culturas” e “desapegar da rotina da cidade grande e de seus valores”. Neste sentido, é interessante observar em suas declarações oficiais uma combinação entre os anseios por *pensar menos em si mesmo* (“chegou a hora de ajudar os outros”) e por *auto-aprimoramento* (“nos tornar pessoas melhores”).

(...) para vocês entenderem melhor, o Viajo Logo Existo nasceu de uma necessidade nossa de mudar de vida. Mais do que ter um objetivo ou conquistar algo, estávamos buscando uma forma de mudar, de começar de novo, de ter a chance de ter uma vida mais simples, mais barata e talvez mais intensa! Passamos os últimos dez anos de nossas vidas focando somente em nós mesmos, agora chegou a hora de ajudar os outros! Nunca deslumbramos objetivos como dar a volta ao mundo em tantos dias, ou gastar menos de 50 dólares por dia na média, ou coisas facilmente mensuráveis como essas. Por fim, nosso objetivo pessoal é nos tornar pessoas melhores, simples assim!

<sup>6</sup> Todas as declarações aqui apresentadas foram extraídas do site do projeto. Disponível em <http://www.viajologoexisto.com.br>. Acesso em 20/06/2014.

<sup>7</sup> A partir desse momento o projeto “Viajo, logo existo” será também mencionado sobre a sigla VLE.



Como também corrobora a fala apresentada a seguir, o caráter de *necessidade* assumido para a realização desta empreitada faz-se presente de maneira peculiar, já que assumido para a realização desta empreitada faz-se presente de maneira peculiar, já que o destaque dado à excelente condição financeira e social do casal é um aspecto recorrente em suas falas.<sup>8</sup>

A vida que tínhamos em São Paulo sempre foi ótima, mas estávamos preocupados com o que ela nos guardaria para o futuro. Vivemos os últimos anos em função do trabalho, do dinheiro, dos valores e receamos ficarmos escravos disso no longo prazo. O mercado financeiro foi ótimo para nós, mas achamos que chegou a hora de tentar algo novo!

Outro aspecto que aparece em suas declarações e apresenta significativa relevância para esta reflexão é a busca por uma ruptura com o habitual, com o funcionamento automático do cotidiano. Neste sentido, parece haver aqui uma lógica inversa, onde o desconforto – tão evitado e imediatamente remediado no que se entende aqui como uma era da compressão da hesitação – torna-se almejado como elemento afirmador da própria existência.

Conhecer o mundo e suas diferentes culturas encaixou perfeitamente nas nossas expectativas de mudança, morar no carro e reaprender toda essa rotina do dia-a-dia seria perfeito para desapegarmos das rotinas da cidade grande e seus valores. Morar no carro vai nos expor de uma forma que nem conseguimos imaginar. Tudo isso sem falar nas pessoas que vamos encontrar pelo caminho, das situações que iremos viver, das diferentes línguas e costumes, das saudades dos familiares e amigos, da incerteza de como tudo isso irá transcorrer! Inúmeras incertezas tornarão nosso dia-a-dia mais intenso e imprevisível.

Ainda que demande uma investigação mais aprofundada e fundamentada em maior quantidade de material empírico, acredita-se ser possível esboçar aqui outra interpretação preliminar. A aspiração pela condição de não-adaptação (ao menos não ótima) ao meio pode simbolizar uma forma de atingir a produção de experiências (assumidas segundo os moldes benjaminianos) em meio à pobreza criativa simbolizada pela superficialidade e pelo imediatismo de uma temporalidade em exacerbada aceleração. Tal aspiração abre, portanto, o *hall* de aproximações entre os casos aqui apresentados. Conforme delimitado por Carneiro e Steil (2008, p. 117, 120-121):

---

<sup>8</sup> Esta questão da relatividade da noção de necessidade abre caminho para a discussão da metáfora de “turistas e vagabundos” propostas por Bauman (1998), assunto este que deverá ser trabalhado em trabalhos futuros.



Cabe lembrar (...) que tanto a peregrinação, quanto o turismo indicam deslocamento, movimento de pessoas que rompem com suas rotinas diárias, que estão em contextos diferentes do de origem, se o de sua residência (local de moradia) ou sua cidade – que não estão em atividades de trabalho. (...) Fazer o caminho pode significar passar por uma experiência de viagem perigosa através das forças míticas, telúricas, naturais e desconhecidas.

Além de compartilharem de um “espírito de despojamento”<sup>9</sup> (não somente material, mas, sobretudo, simbólico), ambos os casos apresentados têm também em comum uma estruturação central em torno do indivíduo como cultivador de subjetividades a partir da combinação de *viagens ao exterior e ao interior* (Todorov, 2006). Nos exemplos expostos, os deslocamentos receberiam, assim, a significação de um mergulho no próprio eu,

(...) onde empreender uma jornada de longa distância, que envolve determinação, persistência, humildade e austeridade, é percebido menos em um sentido de sacrifício (apesar do esforço e das bolhas nos pés) do que como um processo de descoberta de si e de contato com o passado e a memória, presente na paisagem dos caminhos e nos símbolos que vão sendo acessados ao longo do percurso. (CARNEIRO; STEIL, 2008, p. 119)

Por fim, em consonância com Carneiro e Steil (2008, p. 122), defende-se a relevância e proficuidade de

considerar a peregrinação e o turismo não como categorias opostas e excludentes, mas como modalidades de movimento, ou meta-movimento, pelos quais peregrinos e turistas, ou ‘turistas-pelegrinos’, refletem sobre sua experiência e constroem significados para suas vidas.

Entende-se, portanto, que mobilidade e reflexividade combinam-se em estratégias permeadas pela minimização do grau de adaptação (o desafio das constantes readaptações e das novas rupturas com o habitual), por esforços que tentam voltar-se para a ordem do que não é percebido obviamente e para a exposição do ser à necessidade de espera – e, portanto, de criação. Salienta-se, ainda, que a alta complexidade do tema trabalhado e o caráter hipotético das proposições apresentadas demandam que estas sejam colocadas a prova empiricamente, através de fundamentações teórico-metodológicas interdisciplinares.

Contudo, sustenta-se que as indicações encontradas nesta breve reflexão apontam para uma possível comprovação das hipóteses propostas neste trabalho. O distanciamento de reações instintivas e puramente práticas poderia refletir, assim, ao menos um direcionamento no sentido



de um desenvolvimento intuitivo, capaz de proporcionar ao ser um aprofundamento em sua duração e, portanto, uma ampliação de suas capacidades ou possibilidades criativas. A inadaptação cumpriria, então, com seu papel de motor da criação através do não encerramento do impulso vital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) ainda que o objetivo fosse o conhecimento de si mesmo, a viagem não é menos indispensável: é explorando o mundo que se começa a se descobrir. (...) A existência dos outros ao nosso redor não é um puro acidente, os outros não são simplesmente sujeitos solitários, comparáveis ao eu mergulhado em sua própria meditação; também fazem parte dele: não existe o eu sem um tu. Não se pode chegar ao fundo de si excluindo-se os outros. (TODOROV, 2006, p. 237-238)

Ao propor duas hipóteses fundamentadas em objetos e conceitos de alto grau de complexidade, este trabalho buscou apresentar uma breve e introdutória reflexão acerca das possibilidades de compreensão do contexto e de práticas modernas a partir de algumas das teorias centrais do filósofo e diplomata francês Henri Bergson. Teve como objetivo mais específico ou aplicado, contribuir para o entendimento dos significados atribuídos a algumas práticas contemporâneas de viagem, assim como das formas como a reflexividade estaria condicionando processos subjetivos no fluído, dinâmico e múltiplo cenário atual.

Para isso, apresentou dois exemplos de casos representantes de manifestações turísticas e religiosas, demonstrando como as fronteiras entre estes domínios são borradas pela presença mútua da reflexividade como um aspecto central. A viagem – turística ou não - assume, assim, uma roupagem de peregrinação, onde os desconfortos e as imprevisibilidades, comumente evitados como reflexo de uma compressão da hesitação parecem ser, aqui, almejados como ferramentas para a geração de experiências. Tais viagens incorporariam, portanto, a coexistência de seus aspectos literais e metafóricos.

Por fim, observou-se que a interação com o outro – representante do não habitual – poderia simbolizar um dos aspectos centrais a perpassar tais esforços de contenção da aceleração do tempo. Se nesta modernidade líquida (Bauman, 2001) fluidez pode chegar a ser sinônimo de liberdade, a pressa parece ser inimiga da criação.

---

<sup>9</sup> “Pensar que tudo precisa caber em uma mochila.” (CARNEIRO; STEIL, 2008, p. 116).



## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade*. In: BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Matéria e Memória*. In: BERGSON, Henri. *Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins e Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARNEIRO, Sandra. As peregrinações como atrações turísticas. In: *Espaço e Cultura*, n.31. Rio de Janeiro: UERJ, janeiro de 2012, p. 66-79.
- CARNEIRO, Sandra; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Antropologia, religião e turismo: múltiplas interfaces. In: *Religião & sociedade*, vol.24, n.2. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião (ISER), janeiro de 2004, p. 100-125.
- CARNEIRO, Sandra; STEIL, Carlos. A. *Peregrinação, turismo e Nova Era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil*. In: *Religião & sociedade*, vol.28, n.1. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião (ISER), janeiro de 2008, p. 105-124.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. In: *Revista de Letras*, v.46, n.1. São Paulo: janeiro de 2006, p. 231-244.